

M | A | R G S

PRESENTATION
NO MARGINS

no margins

O PROJETO

Com o projeto “**Presença Negra no MARGS**”, a Sedac — Secretaria de Estado da Cultura, por meio do MARGS — Museu de Arte do Rio Grande do Sul, traz a público o debate sobre a presença e representatividade negra no campo das artes visuais.

Esta exposição é o ápice do **Programa Público iniciado pelo Museu em 2021**, e que se insere em um conjunto de ações da Sedac através de suas instituições.

Ao longo do último ano, o MARGS tem se proposto ao compromisso de discutir e refletir sobre os **processos de apagamento e invisibilização da produção artística de autoria negra**, bem como a implicação histórica de seu papel enquanto instituição museal e pública, ao mesmo tempo instigando a ampla rede que envolve pensar criticamente sobre tais questões.

Inicialmente, o “Presença Negra no MARGS” foi pensado como uma exposição que resultasse de uma **investigação sobre a presença e representatividade de artistas negros e negras no acervo do Museu** — e suas ausências e lacunas.

Para a sua curadoria, a Direção do MARGS convidou os pesquisadores **Igor Simões (UERGS)** e **Izis Abreu (MARGS)**, cujas atuações se destacam pelas investigações com perspectiva racial que desenvolvem no campo da história da arte e da produção artística contemporânea.

Contudo, com o objetivo de minimizar o caráter episódico que uma exposição poderia assumir e a fim de manter as

discussões e reflexões em evidência na pauta e cotidiano institucional do Museu e mesmo nas políticas de exibição e de aquisições, resolvemos prolongar a extensão do projeto.

Assim, demos início em junho de 2021 a um amplo e extenso Programa Público com **diversas ações e conteúdos**, coordenado pelo **Núcleo Educativo e de Programa Público do MARGS**.

Realizamos um trabalho de **revisão crítica do acervo do Museu** e de sua formação ao longo de quase 7 décadas até aqui, problematizando os números levantados — hoje são 24 artistas negros/as que o integram, ou seja, apenas 2,1% em um universo de cerca de 1.100.

Disso, resultou a série de postagens nas redes sociais intitulada “**Presença Negra no Acervo do MARGS**”, abordando a produção e a trajetória de artistas negros/as que o integram.

Problematizando ainda o reduzido número de suas obras no acervo — são 125 atualmente, em um total de 5.500 aproximadamente —, a reflexão sobre ausências, exclusões, invisibilidades e silenciamentos de sujeitos racializados como negros logo passou a englobar não somente a coleção do Museu, mas também o campo das artes visuais como um todo.

Assim, começamos a realizar pelo Programa Público **palestras, aulas, encontros, cursos e debates** envolvendo artistas, teóricos/as, pesquisadores/as, curadores/as e intelectuais negros/as e do pensamento

negro no Brasil, incluindo agentes de movimentos sociais e ONGs. Por meio desse conjunto de atividades, procurou-se **refletir sobre**:

- > As intersecções entre relações sistêmicas da arte e raça
- > Os processos de discussão decolonial em instituições culturais brasileiras
- > Os mecanismos e estratégias para uma educação antirracista a partir da arte
- > E o papel dos museus e das instituições na implementação de políticas e ações, sobretudo desde o Sul do Brasil

E em um país em que o racismo estrutural e sistêmico persiste em suas diversas formas de dominação, opressão, segregação e exclusão, o projeto veio também a problematizar o mito da democracia racial no Brasil.

Desse modo, a **realização de uma intensa programação e de uma aprofundada pesquisa** ofereceu, ao longo deste último ano, um **ambiente preparatório para o ponto de culminância desta grande exposição coletiva que agora apresentamos**, reunindo artistas históricos e atuantes, com obras de diversas coleções e procedências.

No MARGS, o “Presença Negra” integra ainda o programa expositivo **“Histórias ausentes”**, com o qual se procura conferir visibilidade e legibilidade a manifestações artísticas e narrativas invisibilizadas pelos discursos dominantes da historiografia oficial, destacando trajetórias artísticas que permanecem não legitimadas pelo sistema da arte.

Com isso tudo, o MARGS procura estimular um movimento que certamente ainda não será suficiente no muito a ser

feito, mas que oferece um começo face sua necessidade e urgência. Assim, o Museu busca reforçar o compromisso de sua atuação frente às exigências do debate contemporâneo, promovendo **reflexão crítica, produção de conhecimento avançado e instituindo políticas na busca por maior diversidade, inclusão e equidade** em um processo histórico ora seriamente questionado.

“Presença Negra” é um projeto que se torna possível com investimentos e irrestrito suporte do Governo do Estado, que desde o início aposta na cultura e na pluralidade. E que vira realidade graças a todos apoiadores e colaboradores que se somaram por compreenderem o seu sentido, aqui nomeados:

- > Sedac — Secretaria de Estado da Cultura do RS e RS Criativo
- > AAMARGS — Associação de Amigos do Museu e patrocinadores do Plano Anual do MARGS
- > Sesc Rio Grande do Sul
- > Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, Indígenas e Africanos (NEABI), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
- > Profissionais e colaboradores externos, além das equipes da Sedac e do MARGS
- > Museus, instituições e colecionadores que emprestaram obras e forneceram demais formas de apoio

Francisco Dalcol

Diretor-curador do MARGS

Fernanda Medeiros

Curadora-assistente do MARGS

Carla Batista

Coordenadora do Núcleo Educativo e de Programa Público do MARGS

A EXPOSIÇÃO

Este escrito é um esboço. O esboço de uma urgência. De um projeto que começa, mas exige o tempo das coisas que durante muito tempo são silenciadas e que para irromper precisam encontrar a temperança.

No entanto, essa não é tarefa fácil. De onde escrevemos, é preciso emitir avisos constantes ao resto da terra Brasil. Há de se continuamente dar conta da noção de existência. Sim, **escrever sobre negros desde o Sul do Brasil é, antes de tudo, partir de uma afirmação: estamos e sempre estivemos aqui.** Há de se lembrar da imensa porção de homens e mulheres negras escrevendo seus territórios naquela parte do país que sempre se sonhou europeia.

Qual a possibilidade de que o trabalho de uma ex-zeladora, mulher negra, habite o acervo de uma instituição artística no Rio Grande do Sul? Quantas exposições mostraram o trabalho de **Judith Bacci**? Por que sabemos tão pouco sobre ela? Uma mulher preta, ex-zeladora.

Interrogar sobre a existência de artistas negros, em qualquer tempo, é necessariamente assumir os lugares sociais que foram impostos a homens e mulheres negras na história assimétrica e violenta do Brasil, do Rio Grande do Sul.

Nesta exposição, escolhemos trabalhar apenas com produções que vêm de mãos e mentes negras. Esta é uma posição política que se refere à necessidade de conceber a **arte afro-brasileira** não como um tema, um estilo ou conteúdos preestabelecidos, e, sim, **como a parcela da arte brasileira produzida por sujeitos negros.**

São só alguns exemplos para começarmos a nos interrogar sobre a ausência de sujeitos negros na história da arte local. Nunca se tratou de ausência, sempre se tratou de uma escolha. Sempre esteve relacionada a um **cânone artístico que excluiu a possibilidade dessas criações figurarem como material de nossas narrativas mais legítimas.** Adjetivos como autodidata, primitivo, naïf e datado são heranças dos artifícios do cânone para retirar de suas listas aqueles que não o confirmavam. Seu principal estratagema: o argumento de que eles não existiam.

Tanto existem que reunimos **mais de 250 obras, de cerca de 70 artistas**, algumas delas provenientes de coleções particulares e de acervos públicos do RS, **apresentadas em núcleos a partir do conceito de poéticas das encruzilhadas.** Noção elaborada com base nas proposições teóricas de **Luiz Rufino** (2019) e que parte da compreensão de que a **arte afro-brasileira resulta dos cruzos de múltiplos conhecimentos condensados em manifestações poéticas tecidas na trama das experiências transatlânticas.**

A arte contemporânea local nos permite encontrar chaves para a visibilidade das **múltiplas formas de existências e poéticas de artistas negros no Rio Grande do Sul**, facilitando inclusive o olhar sobre outras épocas e invenções de passado. Tomemos o exemplo de artistas com considerável circulação nos sistemas da arte locais e nacionais e que nos permitem proposições para entender parte da **diversidade possível de abordagens para essa produção no Estado.**

Obá Oritá Metá

Em iorubá, Obá Oritá Metá é um título concedido ao orixá Exu, caracterizando-o como o rei da encruzilhada de três caminhos. O termo foi adotado no projeto curatorial como uma metáfora para três perspectivas possíveis, entre infinitas outras, de entendimento acerca das obras exibidas na exposição.

Pensemos no trabalho do artista **Leandro Machado**, que se impõe pela força poética que surge de proposições que se forjam no tempo da calma e do silêncio, e que se impõe pelo agudo acerto e pela contínua negociação entre o sujeito negro e o artista negro. Com uma produção constante, Leandro é um dos nomes-chaves para compreender a produção de artistas racializados como negros na arte brasileira a partir do extremo sul. Na série de pinturas feitas a partir do Henê — alisante e tintura que habitou cabeças de gerações de mulheres negras —, Leandro apresenta um olhar desde o Sul para as questões das formas de vida e sociabilidade de pessoas negras em contextos excludentes como aquele da sociedade brasileira.

As relações do homem no espaço e as percepções do espaço contemporâneo são tema de uma produção que escapa continuamente a tentativas tão frequentes de essencialização. Nos trabalhos em vídeo, desenho, instalação, escultura e

fotografia, **Rommulo Vieira Conceição**, nascido na Bahia, mas habitante há décadas no RS, se inscreve de uma forma diferente nas discussões sobre arte e negros. Não há necessariamente em sua produção uma visualidade que atente para sua condição de homem negro, no entanto seus trânsitos pelos sistemas das artes visuais o inscrevem dentro e fora das noções mais recorrentes de arte afro-brasileira — termo difícil e controverso na identificação da produção de sujeitos negros.

As questões que pulsam para a história da arte no Rio Grande do Sul são muitas. Há de se pensar na importância do trabalho de **Maria Lídia Magliani**, artista negra que, saída de Pelotas e sendo uma das primeiras alunas pretas formada no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, constrói uma carreira de circulação nacional sendo também, até bem pouco tempo e mesmo quando do início deste projeto em 2021, a única presença de mulheres negras nos

acervos públicos de arte de Porto Alegre, como apontam pesquisas recentes. As pinturas, desenhos, gravuras e esculturas de Magliani reúnem em si mais do que a arte local, e, sim, uma visão aprofundada dos anseios poéticos de uma geração de artistas.

Cabe salientar que na trajetória da artista, tantas vezes apontada como distante das discussões sobre raça, destacam-se participações em mostras de artistas racializados que configuram o campo no RS, como a mostra dividida com **Paulo Chimendes** e **J. Altair**, em 1973, e que despontava com o título “**Três pintores negros**”, demonstrando a autoconsciência de artistas pretos no Rio Grande do Sul ao longo das décadas. Em termos nacionais, Maria Lídia é também uma das únicas mulheres negras presentes na icônica mostra de 1988 intitulada “**A mão afro-brasileira**”, curada por Emanuel Araujo e que estabelece e se firma na dimensão conceitual de mostras como a que aqui apresentamos.

Esses nomes e recortes em produções específicas não dão conta de toda a potência da arte produzida por negros no Sul. O Sul ao Sul é, e sempre foi, território de **lutas e conquistas afro-diaspóricas** e, no caso da arte, apresenta um ponto privilegiado para ensejar outras geografias para a arte afro-brasileira.

Assim, um importante evento antecedeu a mostra: a realização de uma **residência artística com a participação de 23 artistas negros e negras atuantes em nosso Estado**, que em encontro presencial realizado no MARGS compartilharam suas produções e experiências, afirmando um espaço coletivo como estratégia de luta e resistência, acesso e permanência em espaços institucionais como o Museu.

Suas produções permeiam o espaço da mostra em conversa com artistas de

diferentes gerações que talvez ousaram sonhar com as articulações e movimentos coletivos evidentes em suas atuações nos sistemas das artes local.

O tempo é de acerto de contas. Ele não começa agora. Estamos vivendo o resultado do acúmulo de **séculos de luta dos negros e suas formas de agrupamento e resistência**. A arte brasileira, que nunca foi neutra, é um dos espaços de visibilidade dessa disputa. A arte e sua história vêm sendo interrogadas e estremecidas em nosso país. **Qual a explicação para histórias tão plenamente brancas da história da arte?** Como nossos acervos, coleções, exposições e narrativas se permitiram construir com tão parca participação de negros em um país em que 54% da população se declara não BRANCA? Como podemos olhar com normalidade a infinidade de listas compostas apenas por artistas brancos?

No caso do Rio Grande do Sul, a dificuldade se acirra. A insistência em uma **história de ascendência europeia serviu para nublar a presença de sujeitos negros** em um estado com forte contingente de pessoas racializadas como negras. **O MARGS — Museu de Arte do Rio Grande do Sul é questionado e, portanto, também se questiona**, posto que é o principal museu de nosso Estado.

Esperemos que esse seja o reflexo de um Estado inteiro que se pergunta e busca saída para as suas lacunas e apagamentos. Não temos certeza. Acreditamos que não. Mas então que a arte assuma seu mito de dianteira da sociedade e que as histórias da arte que aqui se impõem sugiram revisões em nossas formas de existência.

Igor Simões e Izis Abreu
Curadores da exposição

Caroline Ferreira
Curadora-assistente

ARTISTAS

Afrokalíptico	Heitor dos Prazeres	Paulo Corrêa
Alisson Affonso	Helô Sanvoy	Paulo Só
Allan Vieira - ALN	Irene Santos	Pedro Homero
Ana Langone	J. Altair	Pelópidas Thebano
André Ricardo	Jaci dos Santos	Preta Mina
Antônio Sérgio Deodato	Jaime Lauriano	Renata Sampaio
Arthur Timótheo da Costa	João Alves Oliveira da Silva	Renato Garcia
Black Nvgga	Josemar Afrovulto	Rita Lende
Carlos Alberto de Oliveira - Carlão	Jota Ramos	Rogério Fraga de Campos
Corbiniano Lins	Judith Bacci	Rommulo Vieira Conceição
Dirnei Prates	Leandro Machado	Rosana Paulino
Djalma do Alegrete	Leonardo Lopes	Salvador
Emanoel Araujo	Lidia Lisbôa	Silvana Rodrigues
Estêvão da Fontoura	Luis Ferreirah	Silvia Victoria
Fayola	Marcos Porto	Silvio Nunes Pinto
Flávio Cerqueira	Maria Lúdia Magliani	Thiago Madruga
Gabriel Farias	Mitti Mendonça	Triafu
Gisamara Oliveira	Momar Seck	Valéria Barcellos
Giuliano Lucas	Ney Ortiz	Virgínia Di Lauro
Grace Patterson	Oswaldo Carvalho	Vitória Macedo
Gui Menezes	Otacílio Camilo	Wagner Mello
Gustavo Assarian	Pamela Zorn	Wilson Tibério
Gutê	Paulo Abenzrragh	Zé Darci
	Paulo Chimendes	

Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura,
Governo do Estado do RS, Secretaria de Estado da Cultura e
Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) apresentam

presença NEGRA no margs

CURADORIA
Igor Simões e Izis Abreu

CURADORA-ASSISTENTE
Caroline Ferreira

VISITAÇÃO
14.05 a 21.08.2022

MARGS
FOYER, PINACOTECAS,
SALAS NEGRAS E SALA ALDO LOCATELLI

Museu de Arte do Rio Grande do Sul | MARGS

Praça da Alfândega, s/nº | Centro Histórico | Porto Alegre, RS | Brasil
Terça a domingo, 10h às 19h | Entrada gratuita

 www.margs.rs.gov.br   /museumargs

ASSOCIE-SE

Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul | AAMARGS

 www.margs.rs.gov.br/aamargs

VISITAS MEDIADAS

O Núcleo Educativo e de Programa Público oferece ao público visitas mediadas às mostras, mediante agendamento através do e-mail:

 educativo@margs.rs.gov.br



PATROCÍNIO



SECRETARIA
DE ECONOMIA
E DESENVOLVIMENTO

Banco
BRASIL

VERO

cmpe sulgás

APOIO



REALIZAÇÃO

